

## O PATRIMÔNIO CULTURAL DE CAXIAS DO SUL ENQUANTO CIDADE INDUSTRIAL

*Poliana Fabíula Cardozo*<sup>1</sup>

*Roberta Cajaseiras de Carvalho*

### RESUMO

A industrialização, como fenômeno, apresenta-se de suma importância para a configuração do mundo contemporâneo, exercendo influência em todos os aspectos da vida dos cidadãos inseridos nesse contexto. As comunidades inseridas no contexto industrial e pós-industrial estão condicionadas a um cotidiano que deve estar de acordo às necessidades impostas pelas exigências de suas rotinas diárias, situação que se reflete não apenas nos aspectos laborais, como também em outros: vida cultural, relações humanas, opções de lazer, educação, entre outros, influenciando inexoravelmente quem vive nas cidades marcadas economicamente pela atividade secundária. Nesse sentido, o planejamento do turismo elaborado e praticado nessas localidades necessita considerar todas essas variáveis, a fim de fomentar o bem-estar da comunidade e dos visitantes, e garantir sua conformidade com o padrão de vida pré-estabelecido pelo desenvolvimento industrial. O presente artigo objetiva analisar, de modo preliminar, como a fruição turística do patrimônio cultural acontece na cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, que tem sua economia assentada nas atividades industriais, e identificar se esta fruição seria peculiar por ocorrer num ambiente inserido à produção industrial e sua realidade. Também visa identificar se o planejamento turístico constitui um aliado na criação de oportunidades de lazer para o referido município.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo – Patrimônio Cultural – Industrialização - Caxias do Sul

### 1. A INDUSTRIALIZAÇÃO

A industrialização, como fenômeno de suma importância para a configuração do mundo contemporâneo, exerce influência em todos os aspectos da vida dos cidadãos inseridos nesse contexto. Tal situação é produto da Revolução Industrial, processo que se configurou numa “transformação sem precedentes, na qual o modo de vida, as cidades e o trabalho mudaram de maneira drástica e rápida, chegando a assustar aqueles que a viveram [...]” (DE DECCA, E.; MENEGUELLO; C, 1999, p. 20).

---

<sup>1</sup> Bacharel e Mestre em Turismo (Unioeste/UCS), Doutoranda em Geografia (UFPR). Docente e pesquisadora continuada do curso de turismo da Unicentro/Irati. E-mail: polianacardozo@yahoo.com.br

De Decca e Meneguello (1999) ainda destacam, como exemplos latentes das mudanças trazidas por esta revolução, o aumento populacional, a transformação da sociedade rural em urbana, o crescimento das cidades, a utilização das máquinas e as alterações no modo de vida.

Molina (2001) reitera as dinamizações da vida política, econômica e social, e a abundância trazida a várias localidades, que favoreceu a modernização e o aumento do consumo por alguns grupos da população.

A Revolução Industrial teve origem na Inglaterra, mas apenas obteve destaque no Brasil entre cem e duzentos anos depois de seu início nos outros continentes. Molina (2001) aponta meados do século XX como o ponto inicial, em consequência do estouro da Segunda Guerra Mundial, quando os índices de produção de bens industriais despencam. Assim, os países da América Latina puderam participar em grande escala neste tipo de produção.

Mendonça (1997) afirma que só a partir de 1850 vai se observar um maior dinamismo no desenvolvimento econômico do país e de suas manufaturas, com o desenvolvimento de pequenos empreendimentos. Porém, a implantação da grande indústria propriamente dita acontece entre as décadas de 1880 e 1890:

Até a penúltima década do século XIX, a urbanização brasileira seria ainda incipiente, e a industrialização, como vimos, não faria propriamente jus ao nome. Isso porque, quer pelo grande número de artesanatos e manufaturas, quer pelo pequeno vulto dos capitais investidos, bem como pelo tipo de força motriz predominante, não podíamos ainda falar de um predomínio da grande indústria fabril. Somente entre 1880 e 1900 é que esta última se faria presente na estrutura industrial brasileira como uma realidade concreta, congregando, ao mesmo tempo, grande número de trabalhadores, alta mecanização e investimentos de capitais mais elevados. (MENDONÇA, 1997, p 14).

Vale ressaltar que os ganhos e perdas com tal processo se deram de formas distintas, de acordo com o estágio de desenvolvimento em que se encontravam os países. Na América Latina, onde os países são dependentes de outras potências mundiais, a organização da produção responde aos interesses das nações dominantes, sendo que os benefícios derivados da produção regional não são inteiramente percebidos e desfrutados (MOLINA, 2001). Para este autor, a “revolução” vivida nesta parte da América foi caracterizada pelo atraso (em relação aos outros países), pela ineficiência (pois não teria permitido o desenvolvimento de tecnologia própria, e continuava dependente de crédito estrangeiro) e pela geração de maiores custos sociais (como a exploração e a marginalização).

No Brasil, em especial, a industrialização despontou entre 1880 e 1900, com o final do Império e início da República, tendo como fomentadores o fim do tráfico negreiro e o apogeu da economia cafeeira. Em termos de distribuição espacial, o fenômeno seguiu inicialmente a seguinte configuração:

Até fins do século XIX, a maior concentração do capital industrial no Brasil deu-se na cidade do Rio de Janeiro, que só perderia tal posição na segunda década do século XX, quando seria suplantada por São Paulo. Quanto ao resto do país, no período compreendido entre 1850 e 1870, outros centros industriais merecem ser considerados, embora em grau menor do que os dois pólos do Sudeste. Dentre eles, podemos citar o núcleo industrial de Salvador, bem como os de Recife e Blumenau (Santa Catarina), todos eles do setor têxtil. Em Porto Alegre, por sua vez, as indústrias concentraram-se na produção de charutos, de conservas e nos curtumes, com preponderância dos estabelecimentos de pequeno porte. Todos esses ramos beneficiavam-se da proximidade física dos pólos de fornecimento de suas matérias-primas essenciais, o que barateava os custos de sua produção (MENDONÇA, 1997, p. 14).

## **2. O PATRIMÔNIO CULTURAL E O TURISMO**

A palavra patrimônio teria, segundo Dominguez (1994) suas origens no latim, e significaria o legado advindo dos pais, o direito ampliara essa definição para os bens que o indivíduo consegue acumular por conta. Entretanto, Camargo (2002) entende que patrimônio cultural seria a herança e a identidade que não se deseja perder. Então, é possível considerar que o patrimônio cultural seria aquele acúmulo deixado de uma geração para outra com valor simbólico. Camargo (2002) ainda discute para as razões de preservar e destruir o patrimônio, e quase todas essas razões estariam, segundo o autor, relacionadas com o valor simbólico e de estima que teria para a comunidade que o abriga. Ele cita como exemplo a necessidade de destruir, por razões ideológicas, o Muro de Berlim e os templos budistas no Afeganistão, e com isso, demonstra a necessidade de desaparecer monumentos que simbolizam os opositores ideológicos, ou a perda da identidade religiosa substituída por outra, respectivamente. O ato de preservar estaria relacionado à afirmação identitária e ao valor simbólico que o patrimônio figuraria para a comunidade, mas o mesmo autor, não descarta a possibilidade de que muitas localidades preservam seu patrimônio com vistas no seu poder de atração sobre os turistas.

O patrimônio cultural, então, pode ser entendido como o conjunto de valores vivos, conservados e acumulados por um povo. Não se tem notícia de um povo que não tenha cultura, uma vez que a cultura será encarada nesta reflexão com a idéia apregoada por Bosi (1992) de que a esta consiste no conhecimento acumulado pelo grupo, que gera frutos e que então, muda, avança com a sociedade. A partir desta idéia de cultura, pode-se compreender a idéia de patrimônio cultural antes colocada, e visualizá-lo como um acúmulo dotado de sentido pela comunidade que o abriga.

Barretto (2003) explica que manter alguma identidade pareceria primordial para que as pessoas pudessem se sentir seguras e unidas aos laços históricos de suas comunidades, ou núcleos familiares, e dentro desta segurança, o indivíduo pudesse não se sentir perdido ou deslocado frente ao efêmero e as volumosas informações que se tem acesso e que o cerca.

Contudo, o patrimônio cultural para o turismo, seria um conceito permeado de outras indagações. Dominguez (op cit), conceitua o patrimônio turístico como sendo “a universalidade dos bens, materiais e imateriais, que possua um território com aptidão turística, seja por herança ou por incorporação” (op cit, p. 25, tradução da autora). Como ressalva, aptidão aqui citada, deve ser entendida como aquela localidade que tem condições de receber visitantes, que está apta em sua oferta de serviços.

Os atrativos turísticos podem ser classificados, de acordo com Beni (1998) em: naturais; histórico-culturais; manifestações e usos tradicionais e populares; realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados. E ainda quanto à propriedade e administração, elas podem ser de domínio público, privado ou de associações voluntárias. Neste sentido, os recursos turísticos podem ser divididos primariamente, em: naturais e culturais, e a partir daí, uma variada gama de ramificações surgiram.

O patrimônio cultural pode conferir personalidade ao território que ocupa, e então, esta personalidade, por sua vez conferiria características únicas a este território, passíveis de exercer atratividade turística, e através de planejamento, quiçá recurso turístico apto e disponível. (DOMINGUEZ, *op cit*).

Ainda sobre o tema, Beni (1998) coloca que os recursos turísticos, trabalhados como forma de matéria prima turística, é que irão conferir característica própria a uma localidade, e também, permitirão que um país se diferencie dos demais, auxiliando inclusive na criação de uma identidade turística própria a cada um, porque esta matéria prima provém da história, do cotidiano e da natureza de cada país, e se são colocados como oferta turística, é porque os turistas estão dispostos a chegar a eles. Quando uma agência de viagens vende um pacote para Caxias do Sul, seguramente esta vendendo mais do que bilhete aéreo e hospedagem estão sendo vendidos: a Italianidade; a Festa Nacional da Uva; os museus; a paisagem; e outros mais que se possam oferecer como recurso da oferta turística local, ou seja, se está vendendo também serviços imateriais, emoções, imaginários e outros predicados que somente podem ser vistos e vividos naquela cidade. Ainda que na realidade não seja assim, mas o turista assim o enxerga, seu destino de férias é único. É dizer portando, que o turista está disposto a pagar um determinado preço, onde nesse valor estejam incluídos não apenas os produtos tangíveis, como também os intangíveis, que têm uma relação direta com a satisfação de suas expectativas em relação à destinação. Beni (*op cit*, p. 157) ainda coloca que então é “primordial salvaguardar esses elementos se os governos quiserem que o produto turístico tenha uma continuidade no tempo e não seja apenas um capricho da moda, nocivo ao interesse nacional”.

Esta atratividade, ou desejo de conhecer, despertado nos turistas, também em análise secundária, despertaria orgulho à comunidade que os recebe. O sentimento de ser importante, de ter um modo de vida valorizado, passível de despertar interesse em outrem.

Portanto, dentro desta perspectiva, o turismo cultural pode ser tratado como sendo aquele que tem como recurso turístico o patrimônio cultural de um povo, Barretto (2003, p. 19) o conceitua como sendo “todo turismo em que o

principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana”, a autora ainda completa, colocando que “recuperar ou manter a identidade, a cor local, aparece neste final de século como uma necessidade generalizada em face da globalização” (*op cit*, p.45).

### **3. O TURISMO EM CIDADES INDUSTRIAIS**

As cidades com conotação industrial não constituem atrativos turísticos muito trabalhados, sendo poucos os exemplos de cidades que conseguem agregar novas experiências, equipamentos e serviços ao cotidiano propiciado pelas grandes fábricas.

Tais localidades são basicamente reconhecidas pela pouca oferta de opções de lazer e espaços para socialização, além do planejamento urbano ser mais direcionado a uma circulação otimizada da produção industrial do que aos próprios cidadãos.

O turismo, que nesse ambiente se configura como mais uma atividade geradora de renda (e certamente nunca se tornará, como eu outros casos, a “tábua de salvação” econômica), aparece como um potencial promotor de novas oportunidades sociais e culturais para a população local, enriquecendo a oferta cultural para os moradores e permitindo que os visitantes – que estejam a negócios ou não – possam desfrutar da cidade de modo mais interativo.

Pelas características urbanas merecerem destaque numa cidade industrial, um dos tipos de turismo que se adequa a tal realidade é o turismo urbano. Beni (2001) classifica esse tipo de turismo, e ainda destaca a interface presente entre o lazer e a atividade turística:

O turismo receptivo, em grandes cidades, é geralmente confundido com o lazer urbano. É claro que esses dois conceitos têm características comuns. O que os diferencia é o referencial do agente, ou seja, para o visitante o roteiro da oferta diferencial urbana constitui a prática do turismo urbano; para o residente, esse mesmo roteiro assume o caráter de lazer urbano, já que mesmo com o deslocamento e fruição da mesma oferta, ele, na realidade, não realiza uma viagem, pois reside no local. (BENI, 2001, p. 426).

Tyler e Guerrier (2001) apontam motivações para se desenvolver o turismo urbano numa localidade, argumentando que tal modalidade exige um gerenciamento da inevitabilidade do turismo urbano para a regeneração planejada da economia e para a melhoria da qualidade de vida da população local. Para tais autores, ponderar entraves e possibilidades é um assunto político, que permeia a avaliação do que é bom para o futuro da cidade e para os distintos grupos de interesses, assim como a decisão sobre que configuração e benefícios se esperam do espaço urbano e do desenvolvimento econômico.

No caso de uma localidade tipicamente industrial, considera-se que o desfrute do patrimônio cultural pelo turismo deva estar vinculado às

experiências de lazer, entretenimento e educação promovidas para a população local. Nessas condições, o turismo não representará prioridade de investimento nem atividade econômica mais importante, estando esta dependente das possibilidades reconhecidas, legitimadas e desfrutadas pelos moradores.

Porém, nas últimas décadas, houve um maior investimento das gestões municipais de cidades industriais em infra-estrutura turística, a fim de aumentar a permanência na cidade daqueles que a visitam para negociar, e atrair visitantes interessados em conhecer as regiões interioranas, a cultura e outros aspectos da produção local. Esta preocupação acaba gerando outros aspectos positivos: o aproveitamento dos recursos advindos do turismo para tornar o ambiente urbano-industrial mais aprazível para a comunidade local e para todos que a visitam, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.

Como exemplo de cidade industrial onde os atrativos turísticos mais funcionais estão intimamente ligados com os interesses da comunidade, e aqueles que não constituem “personagens” do cotidiano não se desenvolverem de modo otimizado, está Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

#### **4. ASPECTOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM CAXIAS DO SUL**

Caxias do Sul está situada na Serra Gaúcha, região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil. Fora colonizada por imigrantes italianos (mas seu território já era antes percorrido por tropeiros e ocupada por índios) que chegaram a partir de 1875, tendo sido emancipada em 1890, começando então a participação dos imigrantes na vida política do município. A maioria dos imigrantes era oriunda da Itália, principalmente da região do Vêneto.

A sua população atual estimada é de 381.940 habitantes. Possui área de 1.644 quilômetros quadrados, sendo sua densidade populacional de 205 habitantes por quilômetro quadrado. Com clima subtropical de altitude, tem uma temperatura média anual de 16°. Sua economia atualmente configura-se por: 64,66% de indústrias; 33,34% de comércio e serviços; e 2% de agricultura. A renda per capita em 1997 era de 10. 318,57 reais. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL; IBGE; 2004).

O município é reconhecido como umas das cidades mais prósperas do Estado, estando nos últimos anos nas primeiras colocações em *rankings* de desenvolvimento econômico da região. Relaciona-se, comumente, a imigração italiana o “talento produtivo” de Caxias do Sul:

Muito cedo se notou a vocação do imigrante para a industrialização, impelidos pela necessidade de produzirem de tudo para sobreviver, aliado a mão-de-obra com alguma formação técnica que existia na Colônia devido ao contato com a Revolução Industrial na Europa e, finalmente, ao próprio determinismo geográfico. (JARDIM, 1979, p. 03).

A vocação industrial surgiu no espaço local, com a chegada dos imigrantes italianos, há mais de um século. As poucas indústrias artesanais aqui instaladas pelos imigrantes, visando suprir necessidades da colônia, serviram de base para a estruturação do setor secundário. (FRIZZO, 1980, p. 60).

A produção do imigrante, inicialmente, era voltada ao setor primário, tanto para a própria subsistência quanto para o comércio. Posteriormente, surgiram as indústrias voltadas aos derivados dessa produção primária. No final do século XVIII, as indústrias predominantes eram a vinícola, a madeireira e tritícola.

As indústrias metalúrgicas e de produtos químicos surgiram na cidade em 1913, tendo uma ampliação significativa até a década de 20. Com a Segunda Guerra Mundial, entre outros fatores, surge a oportunidade das indústrias caxienses investirem mais em produção. Com a criação oficial da Festa de Uva (em 1932), Caxias do Sul torna-se mais conhecida nacionalmente, e seus produtos mais diversos são incentivados. (JARDIM, 1979).

Frizzo (1980) aponta que a estrutura industrial do município alicerçou-se nas indústrias de bens não-duráveis e das metalúrgicas. Com as transformações na renda nacional e na demanda, as indústrias de bens duráveis cresceram rapidamente, sendo que as indústrias de material de transporte configuraram-se nas mais dinâmicas.

Outra constatação importante do citado autor é a disposição espacial dessas indústrias a partir da década de 80:

Quanto à distribuição dos estabelecimentos industriais metalúrgicos, mecânicos e de material de transporte, caracterizam-se por estarem disseminados, porém com alguns pontos de concentração ao longo das principais vias de acesso a Caxias do Sul e, por uma disputa de espaço existente entre empresas e população, que tende a ampliar o perímetro urbano. (FRIZZO, 1980, p. 62, grifo nosso).

## **5. O APROVEITAMENTO TURÍSTICO ATUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE CAXIAS DO SUL**

A paisagem de Caxias do Sul difere do que se está acostumado a ver no restante do Brasil: em meio a serra e com elevadas altitudes, o verde da zona rural contrasta o urbano industrial. Possui um inverno rigoroso, com geadas e neve. Nesta época de frio, os caxienses dissipam o mesmo perto do fogão à lenha, ao redor da mesa sempre farta, com queijo, salame, vinho, massa, galeto, polenta e outras iguarias de origem italiana que constroem a identidade cultural de italianicidade da cidade.

Os atrativos turísticos de Caxias de Sul estão basicamente voltados ao legado cultural da imigração italiana. O planejamento turístico da cidade tem como principal enfoque a elaboração das seguintes rotas: Trilhas Urbanas, voltadas para os atrativos localizados em área urbana; Caminhos da Colônia, na área rural, destacando o bucolismo e a tradição italiana; Estrada do Imigrante, também voltada à cultura italiana, com destaque às edificações e a gastronomia; Vale Trentino, voltada à produção vitivinícola; Criúva, voltada à contemplação e atividades diversas no ambiente natural.

A rota Trilhas Urbanas será o objeto desta análise, por estar vinculada diretamente à questão urbana. Tal roteiro é composto pelos seguintes atrativos: a Catedral Diocesana; a Casa de Pedra; o Espetáculo Som e Luz; a Igreja de São Pelegrino; o Monumento ao Imigrante; as obras do artista plástico Aldo Locatelli, espalhadas em vários lugares da cidade.

A Catedral Diocesana teve sua construção iniciada em 1895. Seus vitrais vieram da Alemanha, e sua configuração foi baseada na Basílica de Santo Antônio de Bolonha (na Itália), retratando a forte influência da cultura italiana na cidade. A catedral está bastante inserida no cotidiano do caxiense, pois, está instalada bem no centro da cidade - reduto do comércio e da prestação de serviços - em frente a Praça Dante Alighieri, principal ponto-de-encontro da comunidade. As missas acontecem regularmente, e a entrada no templo é permitida ao público durante várias horas do dia, promovendo uma integração real do atrativo com o cotidiano urbano. Em frente à Catedral também está instalado um terminal de ônibus coletivo com linhas dirigidas a vários bairros da cidade: assim, circulam no entorno cidadãos de todas as classes sociais e diversos tipos de visitantes, que costumam visitar a edificação para contemplar sua imponência e beleza, e desfrutar de um momento de meditação.

A Casa de Pedra foi construída em 1878 para fins domiciliares, e em 1974 foi transformada em museu. Nos últimos anos passou por um amplo processo de restauração, o que restabeleceu algumas características construtivas originais e promoveu a criação de um espaço voltado à memória da cultura italiana. No atrativo, são expostos utensílios cotidianos diversos dos imigrantes, e através de encenações teatrais são repassados aos públicos aspectos da vida familiar do passado imigrante. A exposição é permanente, e não há propostas atuais de atividades diferenciadas, voltadas para os moradores da região. Tal atrativo não se localiza no centro (como a catedral), e também está instalado numa área de intensa circulação de veículos de pequeno e grande porte, o que dificulta a inserção do mesmo no cotidiano da comunidade local. Por isso, a Casa de Pedra hoje é um espaço mais desfrutado pelos visitantes que chegam em Caxias, do que pelos moradores.

O Espetáculo Som e Luz é, segundo a Secretaria Municipal de Turismo, considerado um dos três melhores espetáculos do gênero no mundo. O palco é um conjunto de réplicas de casas coloniais italianas, onde são projetados efeitos luminosos diversos, acompanhados de narração e música típica. O acesso ao local do evento constitui um dos principais entraves à visitação, pois não se encontra no centro da cidade e o transporte coletivo oferece ainda poucas opções. Outro empecilho à atratividade é a repetição de eventos como

esse em muitas localidades turísticas, como é o caso do espetáculo em São Miguel das Missões, no próprio estado do Rio Grande do Sul. O show de Som e Luz de Caxias do Sul é destinado ao visitante, notadamente pela falta de inovação ao longo do tempo, o que diminui o interesse dos moradores em repetir a experiência (o espetáculo existe desde 1995).

A Igreja de São Pelegrino é um dos principais pontos turísticos da cidade, devido à conotação artística que envolve o ambiente. O interior da edificação é decorado com vários afrescos do artista Aldo Locatelli. Além disso, está em exposição na igreja uma réplica da Pietá, de Michelangelo, doada pelo Papa Paulo VI. As portas de bronze em alto relevo, do artista Augusto Murer completa o leque de atrações. Como parte do cotidiano da população, a Igreja de São Pelegrino também se localiza no centro da cidade, porém numa área de circulação de pessoas menos intensa do que a catedral. O bairro também possui uma conotação de classe média, implicando num público mais “elitizado” durante os rituais executados no templo (em comparação com os frequentadores da catedral).

O Monumento ao Imigrante está localizado às margens da rodovia BR-116, e representa, através da escultura de um casal de imigrantes, a força e o trabalho realizado pelos colonizadores em desenvolver a região. O monumento está inserido numa área de intensa circulação de veículos de pequeno e grande porte, onde o tráfego de pedestres é comprometido.

O entorno é caracterizado basicamente pela presença de indústrias e pelo cotidiano dinâmico de uma grande cidade (incluindo poluição visual, sonora e do ar). Assim, este não constitui um espaço de integração da comunidade local, estando designado principalmente à visitação por turistas. No interior do monumento também existe um memorial, com acervo destinado a homenagear a cultura imigrante.

As diversas obras do artista italiano Aldo Locatelli também são considerados atrativos culturais da cidade de Caxias do Sul. Seus afrescos podem ser encontrados na Igreja de São Pelegrino, na Igreja do Santo Sepulcro, na Capela do Carmelo Menino Jesus, e na sede administrativa do município, onde se encontra o grande mural “Do itálico berço à nova pátria brasileira”, confeccionada inicialmente para exposição na Festa da Uva. Tais obras estão inseridas em espaços desfrutados pela comunidade local de forma contínua e cotidiana, o que permite a real identificação desses bens com a população.

Em Caxias do Sul é também onde acontece uma das maiores festas populares do Rio Grande do Sul: a Festa Nacional da Uva. O evento teve início em 1931, e com o passar dos anos atingiu projeção nacional. A festa promove homenagens à cultura imigrante italiana, utilizando-se da gastronomia, das danças, dos esportes e de vários outros componentes culturais. Ainda na ocasião dessa festa, acontece uma feira industrial voltada ao setor vitivinícola, a fim de divulgar a produção caxiense no setor. Como atividades culturais ocorre um famoso desfile de carros alegóricos pelas ruas da cidade, e o concurso da Rainha da Festa da Uva. O evento, apesar de atrair cada vez mais visitantes de outras localidades, constitui uma ocasião de confraternização da

população caxiense, que se envolve intensamente com a festa e seus eventos paralelos durante os dias de sua realização.

A análise preliminar proposta neste artigo do aproveitamento turístico da rota Trilhas Urbanas permite concluir que a modalidade do turismo urbano é a mais adequada para o uso turístico do patrimônio cultural em cidades de conotação industrial. Nesse tipo de turismo, que propõe a utilização dos espaços cotidianos da cidade pelos turistas, a integração: comunidade local-visitantes promove tanto serviços e equipamento turísticos de qualidade, quanto mais oportunidades de lazer e recreação para os próprios moradores.

Percebe-se, no caso específico de Caxias do Sul, que aqueles atrativos inicialmente planejados para o uso pelos moradores obtêm mais sucesso e atratividade do que aqueles destinados principalmente ao uso turístico. As igrejas, as obras de arte e os museus instalados na área central da cidade são mais acessíveis e dinâmicos, e por serem desfrutados constantemente pela comunidade, exigem ações inovadoras e atividades mais diversificadas. Os atrativos de mais difícil acesso (como o Espetáculo de Som e Luz, a Casa de Pedra e o monumento ao Imigrante) ainda não conseguem atrair os moradores de modo satisfatório, não promovem experiências inovadoras e diferenciadas com frequência, e também não configuram como os mais visitados pelos turistas.

Outro ponto de destaque é o desejo de volta ao passado bucólico. Talvez pela imagem estressante, fulgaz e consumista de uma localidade industrial, os habitantes procurem reencontrar no cotidiano vivido pelos imigrantes a “fuga” do ambiente urbano, estando as lembranças dos antepassados sempre presente nos atrativos e nos espaços comuns da cidade.

A relação industrialização-turismo-patrimônio cultural abrange aspectos muitos distintos, sendo necessária uma análise holística do fenômeno. Neste artigo, foram pontuados aspectos básicos do perfil industrial de Caxias do Sul e sua relação com o uso do patrimônio cultural pela comunidade, de forma preliminar e limitada, sendo necessária (para uma reflexão acadêmica mais profunda) pesquisas que analisem os vários aspectos aqui abordados, em busca de contribuições mais consistentes e válidas.

O despertar para a análise dessa relação já aponta que o uso turístico do patrimônio cultural pelos turistas deve ser posterior a uma integração e validação do mesmo pela própria comunidade do lugar, a fim de repassar aos visitantes o real valor desse patrimônio para a cidade, e garantir que os espaços públicos possam efetivamente ser desfrutados por todos, e não se tornarem apenas mais uma fonte de renda para a gestão pública, sem um aproveitamento dos mesmos pelos principais interessados: os moradores.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARRETTO, Margarita. *Turismo e legado cultural*, 4ª. Ed. Campinas: Papirus, 2003.

BENI, Mário C. *Análise estrutural do turismo*, 5.ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CÂMARA DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS DE CAXIAS DO SUL. *Perfil sócio-econômico de Caxias do Sul*, 2ª. ed., 2002

CAMARGO, Haroldo. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

DE DECCA, E.; MENEGUELLO; C. *Fábricas e homens: a revolução industrial e o cotidiano dos trabalhadores*, 4.ed. São Paulo: Atual, 1999.

ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/economia/vinho/vinho6.htm>. Acessado: setembro de 2004.

HEREDIA, Vânia; MACHADO, Maria. *Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: 100 anos de história*. Caxias do Sul : Maneco, 2001

IMIGRAÇÃO ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: [http://pessoal.portoweb.com.br/pellanda/IMIGRA.htm#Anc\\_8](http://pessoal.portoweb.com.br/pellanda/IMIGRA.htm#Anc_8). Acessado: setembro de 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acessado: setembro de 2004.

JARDIM, M.M. *A revolução industrial de Caxias do Sul*. Universidade de Caxias do Sul, 1979. 32 p. (Monografia de Especialização).

MENDONÇA, S. *A industrialização brasileira*, 6.ed. São Paulo: Moderna, 1997.

MOLINA, S. *Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina*. Bauru, SP: EDUSC, 2001

\_\_\_\_\_. *Relevamiento turístico: propuesta metodológica para el estudio de una unidad territorial*. Santa Fé (Argentina): Centro de estudios turísticos Instituto superior de turismo Sol, 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO Sul. Disponível em: [http://www.caxias.rs.gov.br/turismo/campanha\\_turismo.php4](http://www.caxias.rs.gov.br/turismo/campanha_turismo.php4) Acessado: setembro de 2004

RIBEIRO, Cleodes. *Festa & identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: Educus, 2002.

TYLER, D.; GUERRIER, Y. A. Conclusão: Turismo Urbano – A política e o processo de mudança. In: TYLER, D.; GUERRIER, Y; ROBERTSON, M. *Gestão de turismo municipal: teoria e prática de planejamento turístico nos centros urbanos*. São Paulo: Futura, 2001. Pp. 309 – 319.